

## Pajelança heterodoxa

UBIRATAN JORGE IORIO DE SOUZA

*"Uma vez por ano é permitido bancar o louco"*

*Sêneca, Da Superstição*

O Estado brasileiro, em especial no último quinquênio, tem revelado uma extraordinária incapacidade para cortar seus gastos e uma propensão inexaurível — característica dos planos heterodoxos — de atentar contra os direitos essenciais à liberdade e à propriedade dos cidadãos.



ESTADO DE SÃO PAULO

Depois de tantos choques fracassados, todos já deveriam ter aprendido que a extinção da inflação exige tão-somente dois tipos de providências drásticas: 1º) mudança de regime fiscal, com o necessário encolhimento do Estado, os cortes de despesas, as privatizações, a desregulamentação e a simplificação da estrutura tributária, medidas que, em seu conjunto, devem apontar para a realização de superávits fiscais não apenas por um ano, mas, pelo menos, por um triênio; e 2º) mudança de regime monetário, com a instituição de um Banco Central independente, que possa sustar os fluxos de emissão de moeda até que os preços se estabilizem.

Quando o governo realiza esses dois grupos de medidas, a população acaba naturalmente por produzir o terceiro ingrediente necessário para a estabilização de preços, que é a credibilidade. Basta, portanto, ao governo, mudar bruscamente os regimes fiscal e monetário. O resto, todo o resto, não passa de mera e, após tantas repetições, irritante pajelança.

Pois o governo, uma vez mais, preferiu o ritual bárbaro da pajelança heterodoxa à medicina civilizada de um programa ortodoxo de estabilização. Em outras palavras, preferiu novamente bancar o louco.

Com efeito, os regimes fiscal e monetário não foram mudados. Na área fiscal, o que se fez foi buscar um pequeno superávit de caixa, à custa da elevação de impostos, de aperto nos salários do funcionalismo e de não pagamento aos credores do Estado.

Na área monetária, depois do inadmissível seqüestro de ativos financeiros levado a cabo em março e contrário a todas as boas normas de política monetária, a "Irmandade" — composta por meia dúzia de arrogantes economistas heterodoxos, que hoje se acha no direito de mandar e desmandar em mais de 150 milhões de brasileiros — nada mais fez do que seguir a condenável política do "stop and go", isto é, de brincar de bombeiros hidráulicos, abrindo e fechando torneiras a seu bel-prazer. Em

abril e maio elas foram abertas. Em junho, julho e agosto, fechadas. Em setembro, novamente abertas. Em outubro e novembro novamente vedadas e, em dezembro e janeiro, escancaradas...

O curioso é que toda essa heterodoxia fiscal e monetária vinha sendo cometida com o respaldo de um discurso pretensamente liberalizante. Com a nova pajelança — ou Plano Collor 2 — a "Irmandade", pelo menos, mostrou sua verdadeira face, a do antiliberalismo, que se manifesta, no plano jurídico, pelo atropelo do Estado de Direito, na esfera política, pela desconsideração com os representantes do povo e, no terreno econômico, por um dirigismo e uma prepotência de fazer inveja até mesmo àqueles que ainda têm coragem, no mundo de hoje, de se proclamar socialistas.

Não é preciso estudar Nostradamus para prever o que vai suceder. Basta ter lido com atenção alguns bons livros de teoria econômica, o que, ao que parece, não foi tarefa realizada pelos professores que nos governam.

Os efeitos do tarifaço, do salarização, do nêscio congelamento, da unificação das datas-base dos dissídios salariais, combinados com a incerteza que prevalece em relação às causas da inflação (políticas fiscal e monetária) e à virtual estatização do sistema financeiro solertemente engendrada pelo novo Plano serão a desorganização ainda maior da oferta. Significarão também o agravamento do desemprego, da politização de um problema que é essencialmente econômico como soem ser os dissídios salariais, a formação de uma bolha inflacionária em fevereiro (algo em torno de 25%), a condução dos índices de preços em março para um índice de 10% e, a partir daí, pela total falta de confiança na equipe econômica, que se consubstanciará em fuga para o consumo e para o dólar.

O que se pode esperar, infelizmente, é algo perigosamente próximo de uma hiperinflação aberta. Em suma, como fruto esperado de uma inconsequente heterodoxia, veremos as ovelhas sendo devoradas pelo tigre que, a esta altura, deveria estar morto.

Senhor presidente, já nem escrevo como economista, mas como brasileiro: se o senhor não procurar prudentemente cercar-se de uma equipe que acredite de fato no conteúdo de seu magnífico discurso de posse, a reconstrução nacional a que todos justamente aspiramos não passará de um sonho mais uma vez adiado.

□ Ubiratan Jorge Iorio de Souza é economista do Grupo de Estudos do Instituto Liberal/RJ e professor do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec)